



Símbolos de Luta e Identidade no MST

Christine de Alencar Chaves

Certamente poucos hoje se lembram, mas a ocupação da Granja Macali, que posteriormente daria lugar ao Acampamento da Encruzilhada Natalino, uma das primeiras manifestações da revivescência da luta pela terra que originaria o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, o MST, deu-se no dia 7 de setembro de 1979. Mas provavelmente são muitos os que se recordam da Marcha Nacional, a mais memorável das ações dos sem-terra, que durante dois meses percorreram as estradas do país para chegar a Brasília no dia 17 de abril de 1997, data do massacre de Eldorado dos Carajás um ano antes, no Pará. Embora com diferente envergadura e celebridade, esses dois eventos distantes no tempo denotam uma linha de continuidade no modo de ação política que passou a caracterizar o MST. A constituição de eventos coletivos concertados e com forte caráter expressivo, conforme um calendário simbólico e pragmático, é o modo notório de ação política dessa organização de trabalhadores expropriados da terra. O Dia da Pátria e a data do massacre de trabalhadores por força policial - tornada *Dia Intenacional de Luta Camponesa*, pela Via Campesina - são marcos simbólicos, assim como as manifestações em praça pública no dia do trabalhador rural ou a peregrinação de centenas de homens e mulheres em marcha pelo território nacional rumo à capital do país. Em datas e locais expressamente selecionados, através de ações coletivas definidas por um repertório limitado, valores sociais são evocados pelos sem-terra, constituindo modos de expressão e comunicação com a sociedade mais abrangente, de legitimação de suas reivindicações e de embate político com seu oponente precípua, o Estado.

Na Encruzilhada Natalino o centro do acampamento era demarcado por uma cruz, em torno da qual os agricultores se reuniam em assembléias e celebrações. Essa cruz de três metros de altura tornou-se símbolo da "luta" e da identidade dos agricultores, por eles portada tanto em procissões como em atos públicos. Também uma cruz foi posta à dianteira na longa caminhada para Brasília, mas nos atos públicos e nas assembléias da Marcha Nacional, a bandeira do MST era o emblema da "luta" e da identidade dos sem-terra. Os símbolos materiais mudaram, como o sentido da própria "luta": da conquista da terra à da reforma agrária e de um "modelo alternativo de desenvolvimento", destes à demanda pelos direitos de cidadania e de justiça social. Antes que uma substituição, o processo de constituição do MST como um Movimento e como uma Organização de envergadura nacional deu-se concomitantemente à agregação de novos significados à mais que centenária história da luta pela terra no Brasil.

A partir de sua fundação na década de oitenta, através da criação continuada de eventos coletivos de ação direta referidos a múltiplos planos de significação, incluindo aspectos semânticos e pragmáticos, o MST recolocou na agenda política brasileira o tema da reforma agrária. Nesse processo, forjou uma nova identidade social, a de sem-terra, conferindo-lhe existência, estatuto político e um sentido de dignidade.

Editorial
Mudança em Construção Carlos Vogt
Reportagens
Governo traz novas propostas para RA
Ação do MST se mantém no governo Lula
MP da desapropriação deverá ser mantida
Programa de acesso à terra não é reforma agrária
Pequenos abastecem mercado interno e externo
Tecnologia simples é fundamental para assentamentos
Produtividade caracteriza assentamento
Uma viagem à Terra sem Males
Galeria de imagens
Artigos
Assentamentos rurais: impactos locais e geração de emprego Sérgio Leite
Reforma agrária de mercado e movimentos sociais Leonilde Servolo de Medeiros
Mercado versus desapropriação ou mercado e desapropriação? Antônio Buainain e José da Silveira
Cooperação e cooperativismo no

MST José Geraldo Poker
Terra, violência e outra democracia: o caso do EZLN Guilherme Gitahy de Figueiredo
Imprensa e movimento dos sem terra Antônio da Silva Câmara
Terra de fé Vitor Barletta Machado
Símbolos de Luta e Identidade no MST Christine de Alencar Chaves
Poema
Primeiro axioma da complexidade Carlos Vogt
Créditos

Através da consolidação dessa identidade particular, paradoxalmente, ele passou a enfeixar retoricamente a ampla gama de marginalizados sociais, em nome dos quais articula, no discurso e na prática, o questionamento do modelo de modernização implantado no Brasil. Extrapolando sua base social rural, pôs em discussão os limites efetivos da cidadania no país, ao mesmo tempo que logrou catalizar a ação social para ampliá-los.

As principais formas de atividade política empreendidas pelo MST realizam-se através de pressão sobre o aparato de poder mediante mobilização coletiva e pública, em nome de interesses coletivos, reivindicando direitos sociais. Ocupando fazendas e órgãos públicos, acampando à beira de estradas e em praças públicas, realizando marchas, vigílias, atos ecumênicos e também saques de alimentos, os sem-terra afirmam-se como sujeitos sociais, sujeitos de direitos - embora direitos negados. É através mesmo dessas ações coletivas, tidas por muitos como transgressoras da ordem legal, que a identidade de sem-terra é estabelecida e o MST se constitui como sujeito coletivo.

Forçar os limites consentidos de ação política e o consenso em torno do ordenamento jurídico-político da sociedade, buscando ao mesmo tempo permanecer no âmbito de interlocução com os poderes constituídos supõe, por outro lado, a permanente construção da legitimidade e o enfrentamento eficaz dos processos de deslegitimação capitaneados pelas forças sociais opontentes ao propósito da reforma agrária. O embate renova-se em todas as ações coletivas empreendidas pelo MST. A cada vez, recoloca-se a necessidade de conciliação dos sentidos aparentemente contraditórios da pressão política pela ação direta e de busca da negociação a partir de uma posição de força conquistada por aqueles que são socialmente mais fracos. A contingência dessa dinâmica impõe-se de maneira tão mais premente ao MST em face da exigência de legitimação tanto externa quanto interna, tanto para a sociedade quanto para os próprios sem-terra, que integram as fileiras da Organização e se dispõem a enfrentar os riscos da "luta". Desse modo, as ações do MST ancoram-se em uma cosmologia política, em que a pressão sobre os limites da ordem legal sustenta-se na crença e na construção da legitimidade da luta pela terra. Nesse plano conjugam-se argumentos oriundos de um discurso jurídico - ancorado em interpretação que enfatiza a função social da propriedade, definida pela Constituição brasileira - e de uma fundamentação religiosa - ou seja, o direito à vida e à dignidade de pessoa humana, assim como o endosso da interpretação eclesial da "destinação universal dos bens" e do princípio bíblico de que "a terra é para todos".

A cosmologia a que os sem-terra do MST se reportam não é indiferente nem estranha àquela aclamada nos ideais consagrados da nação: é pela ativação mesma desses ideais que a luta pela legitimidade de suas ações se implementa. Para tanto, as ações e discursos veiculados nos eventos promovidos pelo MST acionam símbolos e evocam ideais comungados mais amplamente. Múltiplos elementos conjugam-se, desde os ideais modernos de igualdade, direito e cidadania até os sentidos religiosos da terra, da solidariedade e da defesa da vida, passando pela crença política na importância da disciplina e da organização e pelos valores morais de lealdade, firmeza e coragem. Sentimentos e crenças são acionados pelo grupo reunido em torno de símbolos comuns e na ação conjunta em busca dos mesmos fins. No MST elabora-se conscientemente a construção da identidade de sem-terra e a reafirmação dos ideais e desejos condensados na "luta". Para além dos símbolos do MST - o timbre, a bandeira, o hino - as próprias ações são revestidas daquelas idéias e crenças políticas, morais e religiosas. Não é incidental que essa elaboração múltipla e

multifacetada receba no MST o nome de mística. Como a cruz na Encruzilhada Natalino e na Marcha Nacional, como a bandeira que se lhe sobrepôs, utilizando-se de todos os outros meios hábeis - visuais, auditivos, sensoriais - a mística no MST não apenas evoca e congrega, ela comunica e faz acontecer. As ações e eventos - bem como seus resultados - do MST em todo o território brasileiro o comprovam.

Este artigo é resultado de pesquisa de campo realizada junto aos sem-terra do MST para a elaboração da tese de doutorado, defendida na Universidade de Brasília e publicada com o título A Marcha Nacional dos Sem-Terra. Um estudo sobre a fabricação do social. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

Christine de Alencar Chaves é professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora Núcleo de Antropologia da Política (NuAP).



Atualizado em 10/06/2003

<http://www.comciencia.br>
contato@comciencia.br

◆ 2003
SBPC/Labjor
Brasil